

Meu caro amigo Milton, tenho tuas cartas dos dias 23/2 e 2/3, e apresso-me a responder para entregar esta carta ao Micha, e para imediatamente desfazer o malentendido que surgiu, (como agora vejo, com razao), na tua mente quanto a minha visao da miseria inaceitavel no mundo. Deixarei S. Francisco, (tema fascinante), para outra carta, e falarei apenas nas tuas ideias "para-economicas", e nas minhas.

Crise de pagamentos: Era estritamente verdade quando disse na minha carta de 23/2 que queria apenas articular visao unilateral da coisa. Dei por barato que concordamos quanto ao outro lado do problema. Concordo plenamente que a miseria e devida, na sua maior parte, aos seguintes fatores: (1) O imperialismo que faz com que as trocas se fazem sempre com vantagens para os ricos. (2) A ganancia da pequena burguesia e do proletariado aburguezado tanto no primeiro mundo quanto alhures. (3) A miopia dos dirigentes mundiais, que beira a cretinice e a irresponsabilidade. (4) A incompetencia dos "subdesenvolvidos", (tanto dos funcionarios quanto do sub-proletariado), que e devida ao fato de serem eles vitimas de exploracao descarada. (5) O avanco revolucionario da tecnologia no mundo desenvolvido, que chega defazado no terceiro mundo. (6) A alienacao e a corrupcao dos dirigentes do terceiro mundo. Ha, por certo, outras explicacoes, mas as que mencionei me parecem as decisivas, e tem a importancia decrescente, segundo a escala que te proponho. Voce estara de acordo comigo? No dia em que as esquerdas perderam as eleicoes aqui e na Alemanha, e bom retomarmos a lista, e abandonarmos a esperanca de poder modificar a situacao por mudancas no primeiro mundo. "Revolucoes" no terceiro sao a unica saida.

"Abolir o dinheiro": O que voce escreveu na tua carta de 23/2 e para mim mistura de coisas extremamente interessantes, e incrivelmente impensadas. As impensadas primeiro: "Viver bem". Voce esta propondo a equacao "dever ser=poder ser". E ponto pacifico, desde as revolucoes americana e francesa, que todo mundo tem o direito de viver bem, ("pursuit of happiness"). O problema e: como fazer com que o que deve ser possa ser efetivamente? E obvio, por exemplo, que os mil milhoes de habitantes da subcontinente indiano tem os mesmos direitos dos habitantes da peninsula europeia, e que seja apenas porque tal subcontinente contribuiu tanto para o bem viver da humanidade. O fato e, no entanto, que vivem miseravelmente, porque no momento nao podem viver de outra forma. Por todo mundo estar teoricamente de acordo quanto ao direito dos miseraveis viverem tao bem quanto os nao miseraveis, e que foram introduzidos os impostos de toda sorte, desde o imposto sobre a renda ate a ajuda ao terceiro mundo. Mas e sabido que tais impostos nao tiveram o resultado esperado por exemplo pelos benthamistas e pela "poor law" do seculo 19. Por isto surgiu o marxismo, com os resultados que conhecemos. Quanto a ideia de fazer "revolucao" pela abolicao da troca simbolica, (dinheiro), e pela re-introducao da troca, (barter), como no tempo da pedra, e por cima de tudo fazer tal barter entre os "have-nots", isto tem historia lamentavel. Foi tentada pelos adamicos tchecos no seculo 14, e por inumeros movimentos populistas desde a Reforma. Sempre tem resultado em faminas. O ultimo exemplo do sistema barter, (esta vez nao entre os "have-nots", mas entre os "anti-americanos", e o introduzido por Schacht na Alemanha nazista, e isto contribuiu para a guerra e a destruicao da

Alemanha. Que Lawrence tenha advogado tal loucura nao me surpreende: ha nele forte dose de "low Church", de proletario nao "conciente de classe", e, portanto, de fascista. Descubro, com temor, a mesma tendencia nos "alternativos". Mas felizmente nao creio que se possa abolir "o dinheiro", isto e a capacidade humana de simbolizar valores, nao creio que se pode ser tao reacionario assim, e voltar para detraz das conchas e das contas de vidro. Se queremos o "bem viver para todos", devemos bolar metodos mais inteligentes. E volto a dizer o que falei na paragrafo anterior: "revolucoes no terceiro mundo". Nao, por certo, do tipo dos ayatolas, Khadafis e Amin Dadas, mas talvez do tipo que esta ocorrendo na China. E nao percamos as proporcoes da coisa: A China e o subcontinente indiano representam a metade da humanidade, e a parte mais "cultura". Agora quanto as coisas extremamente interessantes que dizes: "Perda de sentido do peculio": Concordo plenamente contigo, e isto forma um dos centros das minhas reflexoes sobre a cultura das imagens. A Segunda Revolucao industrial vai desvalorizando todos os objetos, e valorizando as informacoes destacaveis dos objetos. De maneira que possuir objetos, (e seu equivalente, o dinheiro), vai perdendo interesse. O interesse se desvia para a programacao, a analise, e a aplicacao de informacoes, (de "dados"), desde que seja alcançado um minimo de objetos disponiveis. Este minimo e agora calculavel: renda per capita de uns 6.000 dolares por ano. Porque, a partir dai comeca a funcionar a tal "law of diminishing returns": ganhar mais 1000 dolares por ano vale menos que ganhar 100 dolares a mais quando se ganha 4000. O que empolga atualmente e precisamente o fato que tais 6000 dolares sao "possiveis" para a humanidade toda, (pelo menos sao tecnicamente possiveis). Empolga, porque isto significa "transvaloracao de todos os valores": patria, familia, propriedade deixam de interessar, e passa a interessar novp tipo de "riqueza": em experiencias, em conhecimentos, em abertura para a criacao nao economicamente motivada. Em suma: abre-se, pela primeira vez na historia, a possibilidade da liberdade. Pena que nao mais estaremos por ai quando isto virar realidade.

Dito tudo isto, me dou conta da tua posicao existencial em tudo isto. Voce, ao lado da tua visao teorica do mundo, sempre esteve engajado na luta contra a miseria dos que ganhas muito menos que os 6000 dolares-limite. De modo que o que se passa alem de tal limite para voce nao passa de conversa irresponsavel. E, de fato, nao estaria escrevendo esta carta se morasse em S.Paulo: seria de fato irresponsavel. Mas moro entre gente que ganha na media 12.000 e se queixa. Dai minha raiva contra eles. E isto e a vantagem da nossa correspondencia, (e mais que correspondencia): podermos aferir os "dois lados". Digo isto como desculpa pelo malentendido que te causei na minha ultima carta.

Saudades, e abraços amistosos aos teus, e a ti muito apertados.